

Professores de Educação Infantil: dilemas, sucessos e vivências

Teachers early childhood education: dilemmas, achievements and experiences

Cláudia Regina dos Santos Silva*

Francisco Carlos Franco*

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/231819822016108>

Resumo

O cenário brasileiro apresenta uma crescente demanda pela educação infantil em todas as camadas sociais, e as vivências na infância ganham importância. Diante dessa complexidade, este artigo tem como objetivo desvelar as trajetórias profissionais e pessoais dos professores ante os dilemas, sucessos e experiências que se apresentam em seu ambiente de trabalho e, de forma direta ou indireta, interferem em seu trabalho educativo e nas formas de conceber a profissão docente. Para tanto, realizaram-se entrevistas com sete professoras que atuam em uma escola de educação infantil da rede municipal de ensino de São José dos Campos, SP. Constatou-se que os professores sentem-se realizados em muitos momentos de sua prática educativa, o que se revela em pequenos detalhes, geralmente relacionados aos avanços no desenvolvimento dos alunos. Por outro lado, destacam como empecilhos as condições existentes para desenvolver seu trabalho, o início da carreira e as relações com outros profissionais e familiares das crianças, o que comumente é permeado por conflitos e desencontros.

Palavras-chave

Educação infantil; trajetória profissional; políticas públicas.

Abstract

The Brazilian scenario has a growing demand for early childhood education in all social strata, and childhood experiences and gain importance. Given this complexity, this article aims to reveal the career paths and personal dilemmas of teachers before, successes and experiences that occur in their work environment that directly or indirectly interfere with their educational work and ways of conceiving the teaching profession. Therefore, we carried out interviews with seven teachers who work in a school for early childhood education in the municipal schools in São José dos Campos, SP. It was found that teachers feel fulfilled in many moments of his educational practice, which reveals itself in small details, usually related to advances in the development of the students. On the other hand, stand as obstacles existing conditions to develop their work, the beginning of his career and relationships with other professionals and families of children which is often permeated by conflicts and disagreements.

Key words

Early childhood education; professional life; public policy.

* Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Reverendo a educação infantil ao longo do século XX e no século XXI, é possível perceber influências de diferentes segmentos históricos, culturais, sociais e tecnológicos nas concepções e propostas educativas voltadas para a educação escolar na infância.

De acordo com Kishimoto (1990), após 1971, o cenário brasileiro, em relação à educação de crianças pequenas, altera-se profundamente. A demanda pela educação infantil cresce em todas as camadas sociais.

Modificam-se valores básicos na sociedade brasileira, e o hábito de colocar os filhos nessa instituição passa a ser necessidade social. Em meio a tantas mudanças políticas, sociais e econômicas, as famílias modificam-se bastante, com maior presença de mães chefes de famílias como também da mulher-mãe no mercado de trabalho.

Nesse cenário, o professor vê-se em meio a conflitos de tendências, teorias, práticas e exigências diversas em seu cotidiano profissional, e se faz urgente articular o educar, o cuidar e o acolher a criança pequena no dia a dia da sala de aula.

Dessa maneira, cabe ao professor agir como profissional polivalente que precisa de muita competência e conhecimento para promover o desenvolvimento do aluno que está sob sua responsabilidade, respeitando-o enquanto ser único, singular, conhecendo-o em sua subjetividade, bem como objetivamente,

isto é, percebendo as características de sua faixa etária, os processos cognitivos pelos quais perpassam a aprendizagem, contextualizando-o na atualidade (BRASIL, 1998).

Porém muito do trabalho educativo que o professor de educação infantil desenvolve junto às crianças, além de permeado pelas concepções, crenças e valores perante a infância e a educação infantil, os educadores também sofrem influências de questões do contexto em que trabalham. Estas interferem em sua ação educativa, tais como as relações com outros profissionais da escola e com os pais e/ou responsáveis pelas crianças, o ambiente de trabalho, entre outros aspectos, que propiciam vivências e experiências distintas, que afetam sua maneira de perceber a profissão e sua forma de atuar nos processos pedagógicos.

Diante dessa questão, consideramos relevante desenvolver esta pesquisa, com o intuito de conhecer melhor as questões que envolvem o professor em suas trajetórias profissionais e pessoais. As dificuldades e sucessos encontrados no dia a dia no desempenho da função contribuem para desvelar como vão se constituindo as experiências nos percursos dos profissionais, marcadas e influenciadas por um sistema de crenças e valores que perpassam toda a sociedade e os sistemas educativos.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com sete professoras de educação infantil que atuam em uma escola da rede municipal de ensino de São

José dos Campos, SP, utilizando-se de questionários para o levantamento de dados pessoais e de formação escolar, e entrevistas coletivas, nas quais foram abordadas questões sobre a problemática em questão.

A seguir apresentamos alguns resultados do estudo. Para preservar a identidade dos sujeitos, optou-se por estabelecer pseudônimos.

2 OS RESULTADOS

Um primeiro aspecto levantando foi quanto a experiências e vivências que suscitaram sentimentos de satisfação e de realização no exercício da docência. As professoras, quando indagadas sobre os sucessos alcançados em sua profissão, afirmaram:

É o aprendizado de energias, eu comecei a melhorar minha prática e a minha alegria ficou máxima quando eu percebi que as crianças estavam aprendendo, quando eu percebi que eu estava proporcionando o aprendizado das crianças, quando eu vi uma escrita silábica sem valor, depois passando para uma silábica com valor, a criança pensando: olha, professora, a letra A do meu nome - a criança fazendo esta associação, essa foi a minha realização. (Alice).

A valorização dos pais, o que os pais viam, e isso é muito gratificante, eu acho que isso com certeza não tem preço. (Giovana).

No final do ano tudo dá certo, porque, apesar de todos os perrengues do ano inteiro, o pai falando às vezes que você é a culpada, você que não é boa; no final do ano, você mostra todos os avanços que eles tiveram. (Helena).

É o encanto e o jeito de falar, [...] criança é criança, surpreende a gente o tempo inteiro, é muito gostoso, eu acho que tudo isso é sucesso, eu vejo isso como sucesso na minha vida, de eu ter pessoas ao meu lado – crianças; de eu poder compartilhar com as crianças coisas que eu gosto e eles também, aprender junto, porque não sou só eu que ensino, eu não ensino sozinha, eles também me ensinam muita coisa e esse sorriso, né? É diferente de você estar trancada numa sala com gente rabugenta ou num lugar que gente só vai reclamar. O meu serviço é diferente, tem os privilégios, é uma coisa mais solta. (Teresa).

Então, o sucesso eu vejo assim também, a gente vê no Infantil I (crianças de 03 anos completos ou a completar 04 no decorrer do ano letivo), quando eles já escrevem o nome, conseguem abrir e fechar a lancheira sozinhos, vestir uma roupa. (Luísa).

Entrar sem chorar, sentir a criança confiando em você depois de uma adaptação difícil. (Elaine).

O sucesso é no dia a dia, eu vibro com essa criança [...] e tem sucesso também com a criança, gente. Agora eu peguei uma aluninha que era do Infantil e veio para o Infantil III, (explica a mudança em função da adequação da idade) [...] No começo foi uma coisa louca, todo mundo falando: essa menina é do “peru”. “Você está perdida com ela”. Eu disse: não, deixa ela comigo, e a gente se tornou tão amiga e tudo. Ela não conhece letra, não conhece nada, totalmente assim igual um furacão, mas é uma gracinha, eu sou apaixonada por ela. Esse ano para mim ela está sendo minha conquista, meu sucesso porque ela era uma menina totalmente assim..., então eu a ponho para me ajudar, então ela já se enturmou, porque ela estava fora do contexto. (Maria).

Nos relatos acima, percebem-se as diversas dimensões nas quais os professores afirmaram encontrar sucesso. Perceberam-no nas atitudes das crianças, comparando-as quando do início do ano letivo com a data atual. Enxergaram-no com olhar límpido, quando citaram a alegria de certificar uma aprendizagem, no prazer em conviver com o ser-criança e nas vantagens que essa interação produz no desenvolvimento da autonomia no fazer diário, como também no reconhecimento por parte das famílias dos avanços alcançados pelos filhos e

das contribuições dos respectivos professores.

Os casos de Alice e Maria relatam seus sucessos em áreas do processo ensino-aprendizagem, seja na aquisição de um conteúdo formal do eixo de Linguagem Oral e Escrita ou de um comportamento desejado. As afirmações acima levam a refletir, tomando o aluno como um ser único e individual e que precisa ser enxergado como tal pelo professor; esse olhar é determinante como oportunizador de aprendizagem. Conhecer e compreender seu objeto de trabalho também pode ser visto como uma atitude afetiva e ética, pois demanda energia diária, estar em relação com o outro. Conhecer o outro envolve, ao mesmo tempo, conhecer-se a si mesmo.

Note-se que os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) apresentam conotações sobre o ser criança que reforçam a sensação de privilégio relatada por Teresa, pelo fato de poder compartilhar com elas o seu tempo, seus saberes e fazer parceria.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde muito cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço em compreender o mundo em que vivem. (BRASIL, 1998, p. 21).

Conhecer a criança e apreciar o seu jeito de ser e enxergar o mundo, buscando compreender suas particularidades é um grande desafio para o professor de educação infantil e, quando essa empatia se estabelece nas interações entre professor e aluno, esse viés pode ser um caminho mais rápido e eficaz para a aprendizagem (BRASIL, 1998).

Nas colocações de Luísa e Elaine, nota-se que reconhecem como sucesso o desenvolvimento da independência e autonomia, explicitado nas ações das crianças no desenrolar da rotina diária.

A independência gradativa na efetivação das mais diversas ações não pode garantir autonomia, mas pode ser traduzida como uma das condições necessárias para seu desenvolvimento. Esse processo, com certeza, impõe ao papel do professor uma carga de grande importância, pois ele é o que gerencia, organiza e conduz situações de aprendizagem e, como tal, pode propiciar condições para que as crianças exercitem sua independência e autonomia, ou centralizar em sua pessoa todas as decisões e atitudes (BRASIL, 1998).

O trabalho do professor, dada sua relevância à formação integral do educando – no caso desta pesquisa, a criança na faixa etária de 3 a 6 anos de idade – merece o olhar atento sobre os variados aspectos que envolvem esse profissional, ora experienciando sucessos, ora suportando dificuldades, mas sempre buscando novas maneiras, pois, com a evolução nas carreiras, as inquietações pelos desafios e pelas mudanças

o vão forçando a descobrir novos caminhos que possibilitem uma atuação mais segura, como se pode constatar no relato de Maria.

No ato de receber uma nova aluna que já chega com estigmas de “terrível”, “impossível”, “incontrolável”, a percepção da professora a respeito do seu autoconhecimento e do que é capaz possibilitou a escolha de meios, formas e jeitos próprios de lidar com essa criança, fato que lhe proporcionou a segurança necessária para enfrentar mais essa dificuldade com serenidade e confiança.

Finalmente, merece destaque a família e o olhar atento que algumas possuem ao desenvolvimento dos filhos e, por consequência desse olhar, o reconhecimento do desempenho do professor como oportunizador dos avanços obtidos, razão do relato de sucesso de Giovana que coloca a valorização de seu trabalho por parte dos pais e a visão deles como muito gratificante.

3 OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL ANTE AS DIFICULDADES

Em sua trajetória profissional, as professoras pesquisadas passaram por momentos de prazer, nos quais tiveram oportunidade de perceber e sentir as marcas do sucesso em diversas dimensões de sua função. Em muitos momentos das entrevistas, transparece nos depoimentos como se sentiram valorizadas, confiantes e privilegiadas por pertencer à classe escolhida, mas também se depararam com dificuldades diante

dos novos desafios identificados no dia a dia, na sala de aula e na carreira em geral. Essas dificuldades ficam evidentes nas relações interpessoais necessárias e, por vezes, conflituosas que ocorrem no ambiente escolar e envolve orientador pedagógico, diretor, funcionários, pais de alunos, alunos, os outros professores, bem como nas condições de trabalho impostas pelas políticas públicas com salas de grupos numerosos e espaço físico reduzido.

4 CONDIÇÕES DE TRABALHO

A falta de um espaço físico adequado para a faixa etária da educação infantil e o número excessivo de crianças em sala, segundo a professora Giovana, são os aspectos que desencadeiam parte das dificuldades que enfrenta para desenvolver sua ação educativa. Ela declara:

Eu acho que a minha maior dificuldade foi o número de crianças na sala, no 1º ano com 33 crianças, sem estagiária, Infantil III. Eu senti muito isso, essa dificuldade com muitas crianças, muita responsabilidade, cada criança de um jeito, você tem que lidar com esses diferentes numa sala minúscula, que era uma sala de professores, uma salinha 3x4, que para fazer uma roda tinha que afastar as mesas. Eu achei muito complicado. (Giovana).

Uma parte dos problemas seria amenizada, se houvesse um espaço físico condizente com a necessidade, ou

seja, uma estrutura física que facilitasse a movimentação das crianças durante o desenvolvimento da rotina dinâmica, preparada para essa faixa etária, com variedade de materiais e posições.

A questão do número excessivo de alunos em sala é um dilema antigo denunciado e enfrentado por professores de escolas públicas, que veem suas possibilidades pedagógicas diminuídas em função da demanda de crianças que colocam à sua frente, cada qual com suas particularidades, exigindo que o professor se desdobre com intenção de ouvi-las, conhecê-las e auxiliá-las na conquista de avanços. Essa realidade desencadeia certa frustração de não conseguir dar o atendimento adequado e merecido aos educandos, que, em alguns casos, proporcionam uma posterior decepção: a de não conseguir alcançar o patamar desejado quanto à aprendizagem da turma em geral.

Giovana diz:

Então, no começo foi muito difícil, mas foi superado. O Infantil III tem como meta mínima estabelecida, a turma sair silábico com valor, mas a expectativa era: quantos alfabéticos?

Além de constatar a inexistência de um espaço adequado para trabalhar, Giovana se mostra insatisfeita e preocupada com a sala numerosa e questiona as cobranças sentidas quanto ao avanço de seus alunos, mas, mesmo diante de dificuldades que poderiam comprometer o rendimento pedagógico, ela relata que foi difícil, mas foi superado.

As condições de trabalho nas quais Giovana atuou em seu primeiro ano na rede pública municipal não a desmotivaram, e ela procurou superar essa dificuldade com a qual conviveu em seu dia a dia e se desdobrar em sua atuação para dar conta das exigências de sua profissão.

5 DIFICULDADES ANTE OS NOVOS DESAFIOS

No desenvolvimento de suas atividades diárias, os professores convivem com dificuldades ante o que é novo, o que nunca antes haviam vivenciado, como foi, por exemplo, o caso de Helena:

Eu acho que é difícil, sabe essas mudanças que se têm principalmente quando você começa na rede, porque se você pegou uma equipe boa, eu já saí daqui esse ano, eu tive que voltar na atribuição, é complicado isso porque cada escola que você vai é um jeito também. É tudo padrão, mas padrão assim, cada um com sua visão, e aí você chega lá, é completamente diferente daqui. (Helena).

Helena aponta para uma dificuldade muito comum enfrentada por professores novatos na carreira e que ainda não possuem uma situação profissional estável.

Nos primeiros anos de trabalho, alguns professores novatos, na maioria das vezes se veem obrigados a mudar de

escola todos os anos e, em alguns casos, mais de uma vez ao ano. Isso dificulta a continuidade de sua ação e a verificação dos resultados de sua atuação anterior.

Segundo Tardif (2002), as implicações no desempenho do professor são de grande relevância. Esses casos, nos quais sempre se faz necessário recomençar, na questão de conhecimento da escola e do quadro de pessoal, implica a necessidade de estabelecer novos relacionamentos e, conseqüentemente, se distanciar dos antigos, concentrando-se, a cada mudança, em sua inserção no novo grupo.

Faz-se necessário praticar experiências de sempre aprender a efetivar mudanças, a adaptar-se aos novos ambientes que despontam e suscitam organizações físicas e humanas. Essa ação exige do professor disposição para sempre recomençar, uma vez que reiniciará conhecimentos referentes à equipe diretora, turma de alunos e funcionários. Deverá aprender também novos dados de ordem cultural, como a visão da escola, que se efetua numa elaboração conjunta do grupo e, como tal, traz as suas marcas, valores e crenças (TARDIF, 2002).

O autor também expõe que:

O fenômeno principal aqui é, essencialmente, o da instabilidade da carreira, caracterizada por mudanças frequentes e de natureza diferente (turma, escola, Comissão Escolar, etc.). Essas numerosas mudanças tornam difícil a edificação do

saber experiencial no início da carreira. (TARDIF, 2002, p. 90).

É possível perceber uma real dificuldade na consolidação de competências pedagógicas diante de uma situação de instabilidade, visto que variados aspectos interferem em sua construção. Dentre estes, na convivência diária com os alunos, os professores percebem o desenvolvimento natural do apego nessa relação, mas, ante a perspectiva de mudanças periódicas de instituições escolares, faz-se necessário desapegar-se.

Outra dificuldade evidenciada diz respeito à mudança de nível, ou seja, à faixa etária em que atua. o que fica claro no relato de Maria:

Aqui foi essa de vir do berçário para o Infantil IV, porque até então, eu estava nos Infantis I, II e III e fui ao berçário. Quando eu vim pra cá só tinha Infantil IV, foi um choque. Então o que eu senti mais falta foi de parceria. (Maria).

Na iminência de confronto com o novo, Maria, que atuava com bebês, recebe um novo choque da realidade. Ao constatar que sua nova turma é formada de crianças pertencentes a uma faixa etária (5-6 anos) com a qual nunca antes havia trabalhado, descobre que precisará aprender suas características para melhor planejar a rotina diária, com dinamismo diferenciado. Além disso, precisará desenvolver a compreensão e o domínio de como tratar os conteúdos

inerentes ao nível de sua nova clientela e elaborar materiais e jogos pedagógicos de acordo com as potencialidades e interesses da turma.

Essa mudança também exigirá postura diferenciada quanto a atitudes e linguagem utilizadas e muita disposição e flexibilidade para melhor e mais rápido adaptar-se.

Na tentativa de dar conta de todos os requisitos, Maria busca apoio em seus pares, mas não o encontra em seu grupo. É assim que finaliza o relato de sua dificuldade, expondo a falta de parceria como o item de que mais sentiu falta nesse período.

6 RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Cinco dos professores entrevistados nesta pesquisa relataram, em suas trajetórias profissionais, dificuldades nas relações interpessoais com diferenciados profissionais que ocupam o ambiente escolar, bem como ressaltaram a família como responsável por algumas de suas frustrações.

Do meu lado acho que a tristeza é... , só do lado assim da família mesmo, quando eles não são tratados com carinho. Os pais que não valorizam, isso eu acho que é bem triste, uma dificuldade. (Luísa).

Acho que é isso que a Luísa falou, nessa questão dos pais, você estar ali, está se esforçando, está batalhando e alguns deles não estão nem aí. (Elaine).

Alguns, porque outros deixam você bem feliz, vêm, contam: nossa, como ele mudou nisso! Mas tem uns também que ou não fala nada, ou a indiferença é tão grande que vai dificultando; não ajuda e ainda atrapalha. (Luísa).

Nesse diálogo entre Luísa e Elaine, fica evidente o grau de importância que elas atribuem à família e quanto esta pode auxiliar ou comprometer o desenvolvimento de seus filhos, dependendo de sua vontade em conhecer a escola e participar de maneira colaborativa, ou permanecerem indiferentes, ou ainda de atuarem provocando a desvalorização de professores e educandos, dificultando para o professor a prática efetiva focada no desenvolvimento global, ou seja, dos aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais que buscam promover aprendizagens e avanços na formação pessoal do educando.

O funcionamento pleno de uma instituição escolar depende da participação de diversos funcionários, de setores administrativos, lideranças e serviços gerais.

Codo (1999) explica que os funcionários que desempenham atividades distintas com especificidades de sua função, também estão ligados ao objetivo maior e central da instituição, que é educar. Esses profissionais acumulam a função de educador às suas ocupações, quando participam de uma organização de ensino.

Tal dimensão é contemplada por Luísa:

Uma coisa que me deixa triste aqui é ver que nem todo grupo tem o mesmo pensamento, todos os funcionários, por exemplo, é uma coisa que desanima e, às vezes, tem que falar e aquilo não acontece. É o banheiro, a limpeza, umas coisas que vão desgastando.

Luísa mostra-se desanimada quando constata que alguns funcionários da unidade escolar em que leciona não compactuam com seu compromisso de respeito para com as crianças e não zelam pelo seu fazer com o interesse que seria esperado no desempenho de qualquer profissional, principalmente, num local cercado por crianças, onde tais desvios podem comprometer uma prática pedagógica.

É preciso lembrar sempre que a atividade de educar é o que aproxima todas as funções dos profissionais de uma escola e a caracteriza como instituição diferenciada, pela sua especificidade e responsabilidade educativa que transcende o espaço da sala de aula e o domínio do professor, que necessita estabelecer parcerias com os demais funcionários (CODO, 1999).

Os depoimentos das professoras Teresa, Maria e Giovana mostram outra dificuldade nos relacionamentos interpessoais. Dessa vez, com profissionais da equipe de gestores e também com seus próprios pares.

Eu acredito nessas dificuldades todas e, desde que eu entrei na prefeitura, até a gente ter certa pontuação, você roda muito, cada ano você está num lugar diferente e, às vezes, o que dificulta o trabalho da gente é o trabalho da orientadora e da diretora mesmo, que não está do seu lado. Hoje pega muito essa história, ah, eu posso ligar no 156¹. Ah, eu posso não sei quê. Ah, porque tudo é *bulling*, eu já tive muita dificuldade, não aqui, porque eu até voltei para cá porque eu gostei do trabalho, mas já teve escolas que trabalhei que era uma dificuldade - a orientadora e a diretora. Elas não estavam do seu lado porque, se fosse para o pai ir lá e falar mal de você, ela sentava e falava junto. Eu acho que quando a gente tem pessoas que alavancam o trabalho da gente tudo fica mais fácil, e aí a dificuldade com o pai fica menor, porque você tem pessoas que ficam do seu lado e entendem o que você está fazendo. Então, eu acho que as parcerias, se colocar no lugar do outro, a ajuda, isso é muito importante para que não tenha tantas dificuldades. (Teresa).

É, eu falei assim, parou, Maria, não é por aí, não, você vai no

seu ritmo, você vai se esforçar, mas não vai se matar. Você não tem que acompanhar ninguém, porque elas estão em outro ritmo, você está começando agora. E assim eu fui crescendo, eu falava com a orientadora, a (cita o nome) também me ajudou muito. Eu chegava nela e dizia: Eu não consigo interagir com as meninas, (referindo-se às demais professoras que lecionavam em seu nível), eu estou tentando, mas elas não dão abertura. Ela dizia: calma, vai assim e tal, vai dar certo; dava-me um suporte legal. Esta foi minha maior dificuldade: crescer sem a interação, eu acredito que, com interação, você cresce muito mais. (Maria).

No segundo ano o que eu achei mais complicado foi o grupo que eu peguei, muitas crianças com muito comprometimento em nível de limite de comportamento, muito difícil e eu não tive muito apoio. Eu falava: Gente, não é possível! A gente não tem condições, e aí a diretora foi observar a turma, a psicopedagoga da escola foi, e falaram assim: Giovana, realmente é muito difícil, e aí ficou por isso. (Giovana).

Analisando os depoimentos elencados, pode-se perceber que a maioria das dificuldades encontradas se instala nas relações interpessoais. Conviver com diferentes pessoas que ocupam

¹ O número 156 faz referência ao número telefônico disponibilizado pela Prefeitura Municipal de São José dos Campos para reclamações em geral.

diferentes funções não parece e não é uma tarefa fácil, mas, sim, traz em si uma carga de grande complexidade, principalmente no ambiente escolar.

Professores, em seu dia a dia, precisam desenvolver relacionamentos com pessoas de distintas funções que compõem o quadro de funcionários de uma unidade escolar, e faz-se necessário não somente relacionar-se, mas também somar esforços e saberes advindos de diferentes posições e lugares, para melhor atender a criança e suprir suas necessidades globais.

A partir dessa perspectiva, e tomando para esse local o foco do ensino e da educação, “compartilhar com o outro suas dúvidas, expressar suas ansiedades, comunicar suas descobertas, são ações que favorecem a aprendizagem” e, portanto, devem dar relevância aos fatores que podem privilegiá-la e ajudá-la a se expandir (BRASIL, 1998, p. 43).

A equipe gestora tem como uma de suas funções auxiliar o professor em sua prática pedagógica, acompanhar sua formação, realizar ações que facilitem sua inserção no novo grupo, uma vez que os pares ajudam a formar o outro, visão essa demonstrada por Maria em seu relato.

São variadas as dificuldades instaladas nessa questão de relação pessoal, entre elas, verifica-se com clareza que Teresa sentiu necessidade de apoio da equipe diretora diante da família do aluno, validando seu trabalho, compreendendo e auxiliando nas dificuldades com os mais difíceis; assim também com

a dificuldade relatada por Giovana, que, diante de uma sala com problemas de limites no comportamento de alguns alunos, buscou auxílio na função do orientador pedagógico e do especialista da sala de recursos, e o que encontrou foi uma concordância quanto à existência de um problema real, mas nenhuma orientação que objetivasse a mudança daquela realidade.

Para aprofundar essa reflexão acerca das relações interpessoais, é necessário desvelar um pouco de toda a complexidade que envolve os sujeitos desta pesquisa em suas relações interpessoais tão necessárias e presentes na unidade escolar:

É da complexidade da condição humana que se fala aqui. Então a sala de aula é um encontro de complexidades. A complexidade do professor que se encontra com a complexidade de cada aluno, que forma uma complexidade no coletivo daquela sala de aula, que forma uma complexidade no coletivo da escola e assim por diante. (MORIN apud SANTOS NETO, 2002).

Com essa constatação, percebe-se uma problemática multifacetada e complexa que não pode ser simplificada para ser analisada. Faz-se necessário caminhar juntos, pois os sujeitos que compõem esta pesquisa são parte de um todo que é a escola, e habitam esse espaço junto aos demais funcionários das diversas áreas necessárias para o

bom funcionamento da unidade escolar. A partir dessa visão, poder-se-á dizer que são partes que compõem um todo, mas não podem ser vistas isoladamente, pois não atuam isolado e, sim, dentro de um contexto complexo que envolve a condição humana, o coletivo da sala de aula, o coletivo da escola, o coletivo da rede municipal de educação infantil, que está compreendida dentro da Educação Básica, que está dentro de um Plano Nacional de Educação, e assim por diante.

7 PERCEPÇÕES ANTE A INSTITUIÇÃO FAMÍLIA

A razão pela qual se incluem nesta dissertação os apontamentos sobre a família é por considerar este um dos conflitos atuais que preocupam muito as professoras ouvidas nesta pesquisa. Relataram a forma como essa imprecisão de funções e papéis também incomoda as famílias. Enfim, trata-se de um tema que está inserido na pauta de ambas as instituições, pela importância que lhe é atribuída. Quanto às professoras, apresentamos as seguintes manifestações:

Eu acho que está um pouco difícil no sentido que está meio bagunçado os valores de até que ponto eu sou a professora e até que ponto o pai precisa dar educação em casa, porque eles esperam que a gente dê educação na escola, e a gente preferiria ensinar e não precisar parar, porque o que acontece hoje é que a gente tem

que parar os nossos conteúdos, a prática pedagógica, vamos dizer assim, para dar meio que educação. Como sentar, que jeito que come, que jeito que respeita o amigo, olha o jeito como fala com ele. Eles não têm muito isso. Eu percebo muito que o pai e a mãe estão muito perdidos, eles não têm um caminho a seguir. (Teresa).

A família está começando a entender, através de reunião de pais, como se dá o processo de aprendizagem, sentindo-se mais motivada a colaborar e participar desse processo, incentivando seus filhos em casa também, apesar de alguns pais ainda não terem essa consciência. (Maria).

Eles veem a Educação Infantil ainda como aquilo que vai para a escola para brincar. A palavra é brincar. Eles não veem importância de ensinar. (Elaine).

A família tem papel fundamental, mas, por uma necessidade ou outra, tem demonstrado pouco envolvimento com a aprendizagem, pois por várias vezes acredita que apenas é papel da escola educar. (Giovana)

A partir desses desabafos, pode-se vislumbrar o início da problemática situada na diversidade de concepções e perspectivas que envolvem os dois contextos diferentes, família e escola, mas com um objetivo em comum – a

educação e o desenvolvimento de suas crianças.

Com a entrada da criança na escola, cria-se uma expectativa por parte das famílias, espera-se que a criança amplie o seu meio e assim estabeleça novos laços sociais e emocionais, e que também amplie o seu campo de conhecimento. Paralelo a essa ampliação, também ocorrerão discrepâncias ou diferenças de ordem cultural, social e até mesmo emocional entre formas de tratamento de fatos ou coisas que acontecem em casa e na escola, evidenciando padrões comportamentais de ambas as instituições, tornando-se necessário construir uma relação equilibrada e franca entre a escola e a família. Dessa convivência deve surgir a oportunidade de compartilhar os critérios educativos que poderão diminuir ou eliminar essas discrepâncias ou diferenças (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999).

As autoras destacam que outros fatores também podem contribuir para diminuir essas diferenças e tratam de como as escolas se mostram receptivas em relação aos pais; destes espera-se que, quando efetuam uma busca para matricular seus filhos em uma escola, apresentem propostas pedagógicas e direcionamentos que se mostrem mais de acordo com suas expectativas. É sabido, porém, que no caso em questão, ou seja, na escola pública, a maioria dos pais efetua a matrícula baseando-se apenas na facilidade do acesso e permanência.

É preciso deixar claro que as instituições constituem contextos diferentes,

e que, nesses espaços, os filhos/alunos encontrarão coisas, situações e pessoas diferentes, e que é, nessa diversidade, que se localiza a maior riqueza dessa vivência.

Voltando ao ponto da diversidade de concepções e perspectivas que caracterizam ambas as instituições, torna-se relevante a concepção de educação infantil, trazida por Cerisara (1999, p. 16):

Falar em educação e não em ensino foi a forma encontrada para não reforçar a concepção instrucional/escolarizante presente nos demais níveis de ensino e indicar uma proposta de trabalho com crianças cuja especificidade requer uma prevalência do educativo sobre o instrucional, ou seja, mais do que nível de ensino, estas instituições devem realizar um trabalho contemplando e priorizando os processos educativos que envolvem as crianças como sujeitos da e na cultura com suas especificidades etárias, de gênero, de raça, de classe social.

Para a autora, um dos desafios impostos à instituição de educação infantil nos dias atuais é conseguir estabelecer-se como um dos níveis de ensino da educação básica, sem escolarizar-se nos moldes do ensino fundamental. Buscar a definição da especificidade da sua prática pedagógica. Por outro lado, as concepções em torno da família mostram-se efêmeras, pois muitas

mudanças significativas ocorreram em nossas sociedades nas últimas décadas e influenciaram grandemente a sua formação e existência.

A concepção tradicional de família diz respeito à composição feita por pai, mãe e filhos, todos vivendo numa mesma casa, com funções já previamente determinadas para cada membro - um modelo da família nuclear burguesa. Desse modelo, surgiram muitas interpretações sobre como os pais, as mães e os filhos devem agir e se relacionar, o grau de hierarquia de cada um, assim como definir a quem cabe o poder e a submissão (SZYMANSKI, 1997).

Nos dias atuais, percebe-se a existência de muitos modelos de família, independente da classe social à qual pertencem, e, nesse sentido, é necessário que o professor evite fazer comparações, querendo enquadrar as famílias num molde predeterminado ou ainda realizar julgamentos preconceituosos atribuindo determinados comportamentos como responsabilidade de determinada formação familiar (BRASIL, 1998).

Cada família apresenta um modo peculiar de criar e desenvolver sua própria cultura familiar e sua própria dinâmica. Szymanski (1995, p. 27) traz:

O mundo familiar mostra-se numa vibrante variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida vai trazendo. Desconsiderar isso é ter a vã

pretensão de colocar essa multiplicidade de manifestações sob a camisa de força de uma única forma de emocionar, interpretar, comunicar.

Assim, cabe à instituição de educação infantil acolher essa pluralidade de grupos familiares que se apresentam, considerando as diferenças advindas de várias ordens como enriquecedoras de experiências que devem ser valorizadas e respeitadas pelas instituições desse segmento, com seus professores buscando ouvir e interpretar as concepções trazidas pelas famílias (BRASIL, 1998).

Os depoimentos de outras duas professoras vêm reforçar o que Teresa, Maria e Giovana afirmaram, bem como os estudos realizados pelos autores já citados:

Nosso objetivo tem sido fazer com que a família trabalhe em conjunto com a escola para que não sobrecarregue apenas a instituição escolar, mas que juntos a façamos avançar, tornando-a autônoma e crítica. (Helena).

Já a família está cada vez mais comprometida com o processo de ensino, mas para isso cabe muito ao professor saber envolver a família neste processo. (Alice).

Na contemporaneidade, encontramos papéis familiares diversificados. O que se espera de cada membro varia de uma estrutura familiar a outra e, a

essa ausência de predefinição de papéis, pode ser creditado o momento confuso que estamos vivenciando, no qual o nível de informação que chega aos pais nunca foi tão grande, mas, por outro lado, nunca antes foram verificados tantos desconcertos em relação a atitudes destes para com seus filhos.

É isso mesmo, eu acho que quanto mais informação tem agora, mais os pais estão perdidos. Eu acho que deveria ser diferente. (Luísa).

Quando deveria ser diferente, num mundo cheio de informação, parece que eles estão mais perdidos e não sabem o que fazer com o filho. Não sabem o que é limite, o que é educar e a impressão que dá de muitos pais é que eles querem ter a vida deles, o tempo deles e aí você vê que a criança está muito ali, solta. (Teresa).

De acordo com Sarti (1995), a família atual está buscando formas de igualar os papéis entre os pais e mães, e a forma de se relacionarem com os filhos, numa tentativa de alterar a ordem familiar tradicional.

Diante desse impasse, enquanto pais e mães experimentam novos papéis e funções, revisitam suas crenças, o filho/aluno está crescendo e também experimentando seus limites e poderes. Mas todas essas mudanças não podem comprometer a autoridade dos pais, que deve sempre existir, pois às famílias, enquanto primeira instituição à qual a

criança pertence, também compete a função de apresentá-la à regra.

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a perda do sentido da tradição. Vivemos numa sociedade em que a tradição vem sendo abandonada como em nenhuma outra época da História. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social. (SARTI, 1995, p. 43).

Assim como a família, a escola deve se responsabilizar por atitudes de cuidado e educação, pois à escola não basta ensinar os conteúdos pedagógicos adequados à faixa etária, mas também zelar pelo bem-estar físico e psicológico dos educandos, sem esquecer-se da responsabilidade que ambos possuem de se apoiarem mutuamente nas questões que promovam o desenvolvimento da criança (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos das professoras participantes desta pesquisa contribuíram sobremaneira para revelar o percurso das trajetórias, oportunizarem posicionamentos ante algumas concepções da educação da infância: experiências

profissionais e pessoais que compõem suas vivências. Todas essas descobertas contemplaram os objetivos colocados no início deste estudo, e é possível afirmar que foram até além do planejado, pois as professoras entrevistadas mostraram-se muito esclarecidas e corajosas, expondo com generosidade um espaço importante de suas vidas.

Os sucessos foram percebidos pelas professoras nas pequenas ações de seus alunos, no dia a dia, quando se deparavam com a modificação de um comportamento inadequado, desenvolvimento da autonomia, com avanços na aprendizagem e no reconhecimento de suas competências pelas famílias.

Diversificadas foram as dificuldades elencadas. Puderam ser categorizadas quanto a condições de trabalho com salas de aula numerosas, em um espaço físico não condizente com a quantidade

e faixa etária dos alunos; em dificuldades ante os novos desafios, pois muitas mudanças de ordem administrativa ocorrem na vida profissional de um professor novato, acarretando instabilidade e comprometendo a edificação dos saberes inerentes da experiência.

Relataram com tristeza dificuldades nas relações interpessoais com diferenciados profissionais que adentram uma unidade escolar e que nem sempre conseguem agregar, às suas funções específicas, a função de educador, e assim priorizarem as ações educativas. Dentre estas, várias críticas e reclamações referentes às famílias dos educandos, pois, segundo algumas professoras, essa instituição nem sempre está consciente de sua importância na formação integral de seus filhos e, por conta dessa realidade, não conseguem estabelecer parcerias com a escola.

REFERÊNCIAS

- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. *Aprender e ensinar na educação infantil*. Tradução de Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1.
- CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? *Perspectiva*, Florianópolis, v. 17, n. especial, p. 11-21, jul./dez. 1999.
- CODO, Wanderley (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KISHIMOTO, Tizuko. A pré-Escola na República. *Revista Pró-Posições*, Campinas, v. 1, n. 3, p. 55-56, dez. 1990.
- SANTOS NETO, Elydio. *Educação e complexidade*. São Paulo: Salesiana, 2002.
- SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria

do Carmo Brant (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

SZYMANSKI, Heloísa. Teoria e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes & formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Sobre os autores:

Cláudia Regina dos Santos Silva: Mestre em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação – Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, São Paulo. Professora da Rede pública de ensino de São José dos Campos, São Paulo, Brasil. **E-mail:** clausantossilva@terra.com.br

Francisco Carlos Franco: Doutor em Educação: Psicologia da Educação – PUC/São Paulo. Professor de Cursos de Graduação e Pós-Graduação na Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil. **E-mail:** prof.franfranco@gmail.com

Recebido em julho de 2015.

Aprovado para publicação em dezembro de 2015.